

O sujeito idoso na vida religiosa consagrada

The Elderly in consecrated religious life

Eder D'Artagnan Ferreira Guimarães
Vicente Paulo Alves

RESUMO; Investigar a subjetividade dos religiosos idosos implica considerar sujeitos que viveram suas etapas vitais no espaço religioso institucional e agora envelhecem pertencendo à mesma instituição. Este artigo, baseado em uma pesquisa do Mestrado em Gerontologia, aborda, em perspectiva multidisciplinar, as questões de autopercepção como idoso, influências normativas e não-normativas sobre o envelhecimento, afetividade, funcionalidade e poder, em vista de analisar quais subjetividades são constituídas pelos religiosos idosos.

Palavras-chave: *Envelhecimento; Subjetividade; Vida religiosa consagrada.*

ABSTRACT: *The investigation about the subjectivity of elderly religious means considering subjects that had lived their stages of life in the institutional religious room and now are getting older belonging to the same institution. This based on a research of the Master Degree in Gerontology article deals in a multidisciplinary way with the issues of self-perception as an elderly person, normative and non-normative influences about aging, affections, functionality and power, in order to examine which subjectivities are built by elderly religious.*

Keywords: *Aging; Subjectivity; Consecrated religious life.*

Introdução

A vida religiosa consagrada (VRC), compreendida como o mundo dos homens e mulheres que optam por pertencer à Igreja como padres, religiosas ou religiosos, costumam se constituir um mistério para o ambiente acadêmico. Seja pela escassez de investigações e produções acadêmicas a respeito desse público, seja pela dificuldade de acesso dos pesquisadores ao ambiente religioso institucional¹, o conhecimento a respeito desses sujeitos, especialmente no tocante à relação entre pertença institucional e subjetividade, é um campo a ser desvelado.

Para a psicologia social, o grupo ganha um interesse adicional: o religioso idoso resulta da interação entre sujeito e instituição, de maneira pouco comum em outros grupos de idosos, o que abre possibilidades de conhecimento para além do espaço religioso institucional.

O presente artigo pretende contribuir para desvelar esta relação, a partir de pesquisa desenvolvida no Mestrado em Gerontologia. Assim, será analisada a relação entre envelhecimento, constituição da subjetividade e ambiente institucional, com perspectiva multidisciplinar.

Método e instrumentos

A pesquisa do Mestrado foi realizada entre outubro de 2010 e outubro de 2011, nas comunidades religiosas da Província Marista Brasil Centro-Norte². O pesquisador realizou uma pesquisa quanti-qualitativa de caráter exploratório descritivo com 20 Irmãos Maristas idosos, com idade entre 63 e 94 anos. Foram definidos como critérios de inclusão a pertença à Província Marista Brasil Centro-Norte, idade mínima de 60 anos e disponibilidade em participar, formalizada por meio do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido – TCLE. Foram critérios de exclusão a pertença a outras Províncias Maristas, a recusa em participar da pesquisa e limitações de comunicação verbal.

¹ O pesquisador é funcionário marista, o que possibilitou o desenvolvimento da pesquisa.

² Uma Província compreende determinado espaço geográfico. No caso da pesquisa, inclui os estados do Pará, Tocantins, Amapá, Maranhão, Piauí, Ceará, Rio Grande do Norte, Paraíba, Pernambuco, Alagoas, Sergipe, Bahia, Espírito Santo, Rio de Janeiro, Minas Gerais, Goiás e Distrito Federal.

Foram utilizados três instrumentos de pesquisa: entrevista semipadronizada episódica, visando à obtenção de informações objetivas; coleta de fotos de vários períodos da vida, o que trouxe mais informações a respeito do histórico de vida dos Irmãos; e observação *in loco* das comunidades de idosos. A Epistemologia Qualitativa de González Rey foi utilizada como referência metodológica para a tabulação e análise dos dados.

A constituição da subjetividade numa instituição total

Um referencial importante, em todos os estudos gerontológicos, é o paradigma *life-span*, que reconhece a progressão vital em toda a extensão da vida: o ser humano não para de se desenvolver quando se torna idoso. A velhice é uma etapa de desenvolvimento, assim como a infância, adolescência, juventude e idade adulta. Este desenvolvimento é matizado por três classes de influências:

- As *influências normativas graduadas por idade*, também chamadas de ontogenéticas, se referem aos eventos que tendem a ocorrer com todos os indivíduos de uma sociedade, na mesma época e com a mesma duração, como socialização, tarefas evolutivas e aquisição de papéis sociais relacionados a família, educação e trabalho. Para os religiosos, há um acento maior dessas influências no processo de envelhecimento: é possível que os eventos normativos – ingresso na instituição, etapas da formação, funções desempenhadas, entre outros – tenham ocorrido não apenas na mesma época e com duração semelhante, mas também no mesmo espaço social. A interação entre eventos biológicos e ambientais, portanto, pode ter favorecido a predominância de similaridades na constituição desses sujeitos idosos.

- As *influências normativas graduadas por história* dizem respeito aos eventos macroestruturais que originam mudanças sociais e são vividos por indivíduos de uma dada unidade cultural. Novamente, os sujeitos da pesquisa são vinculados pela mesma pertença institucional, o que favorece o desenvolvimento de características similares entre os coetâneos. Os Irmãos idosos vivenciaram os grandes eventos do século XX no Brasil – Estado Novo, Segunda Guerra Mundial, urbanização, influências da Guerra Fria, Concílio Vaticano II, ditadura militar, processo de democratização, por exemplo – a partir do mesmo espaço institucional.

- As *influências não-normativas* são idiossincráticas, variam em cada indivíduo e não são ligadas à ontogenia nem aos eventos históricos, pois se referem à síntese que o

indivíduo elabora, na trajetória de vida, a partir das influências normativas. Em outras palavras, desenham a singularidade dos sujeitos e a subjetividade por eles construída, tendo o mesmo espaço institucional como cenário para a maior parte de seus percursos vitais.

Segundo Neri (2006a: 68), estas três classes “atuam de forma concorrente na construção de regularidades e de diferenças individuais nas trajetórias de vida, mediada pelas instituições, pelas redes de relação e pela subjetividade”. Ou seja, a pessoa idosa resulta da interação entre as características do indivíduo e a forma como vivenciou os acontecimentos sociais e históricos de sua época.

Assim, um ponto de partida, para a compreensão da subjetividade dos religiosos idosos, é o fato de terem passado a maior parte de sua vida³ numa instituição total, e nela estão envelhecendo. Desta forma, sua subjetividade é fruto da interação entre o sujeito e a dinâmica institucional, o que remete a Goffman (2008: 22), para quem a instituição total, cujo fato básico é o controle de muitas necessidades humanas pela organização burocrática de grupos completos de pessoas, se constitui “um experimento natural sobre o que se pode fazer ao eu”. Pereira (2005: 55) retoma esta definição e a aplica especificamente à Igreja, pontuando sua tendência em reproduzir “indivíduos normatizados, modelados numa subjetividade serializada” a partir do estabelecimento de controle moral e psicológico sobre o sentir, o pensar e o agir. Na instituição total, a rotina é organizada de forma a contribuir com essa serialização, visto que “cada fase da atividade diária do participante é realizada na companhia imediata de um grupo relativamente grande de outras pessoas, todas elas tratadas da mesma forma e obrigadas a fazer as mesmas coisas em conjunto” (Goffman, 2008: 18).

Embora a instituição religiosa contemporânea apresente uma conformação interna distinta dessa descrição de Goffman, não está distante da lógica institucional religiosa da época em que os Irmãos ingressaram na vida religiosa consagrada. Os mais idosos – entenda-se indivíduos acima de 80 anos – confirmam que, nos primeiros tempos como religiosos, o controle sobre o indivíduo era a principal característica da dinâmica institucional. Para as outras gerações, como será visto, a organização interna era menos rígida. Assim, as sínteses feitas pelos indivíduos, na constituição de sua subjetividade, apresentam variações de acordo com a geração, a idade de ingresso, as experiências anteriores e o itinerário percorrido ao longo da vida religiosa consagrada.

³ A média etária de ingresso na instituição, entre os Irmãos pesquisados, foi de 13 anos.

Autopercepção como idosos

Em todas as faixas etárias da terceira idade, há Irmãos que afirmam não se perceberem idosos, mesmo reconhecendo que, pelo critério etário, estão incluídos nesse grupo. Há fundamentos para esta percepção: foi constatado que a funcionalidade⁴ é mais preservada do que em outros idosos da mesma idade, devido ao suporte institucional, ao estilo de vida e ao exercício intelectual que fez parte da rotina da quase totalidade dos Irmãos, preparados, desde a juventude, para o exercício docente. Para os Irmãos na geração dos 60 anos, o estilo de vida se mantém muito similar ao que mantiveram até então e são mantidas a autonomia e a independência; logo, faz sentido que apenas na próxima geração se perceba o autorreconhecimento como idosos, mais vinculado a mudanças no estilo de vida do que ao próprio fator etário.

A percepção tem início com as limitações físicas, mesmo que a saúde seja boa: dificuldades de visão, audição e locomoção, entre outras, acentuam a autopercepção como idoso. Além disso, como a tendência da instituição é afastar esses Irmãos de funções executivas, a velhice também é percebida por esse viés. Como a aposentadoria costuma assinalar a entrada na velhice (Pacheco & Carlos, 2006), com todo o peso simbólico de deixar a função produtiva, faz sentido que os Irmãos comecem a se perceber idosos quando deixam de ocupar os espaços nos quais trabalharam ao longo da vida. A questão central, aqui, é a ressignificação do espaço institucional e, nele, o lugar a ser ocupado pelo Irmão idoso, mesmo na faixa acima dos 80 anos. Alguns ainda percebem pouca mudança no estilo de vida: “olhando a carteira de identidade, vejo que sou idoso. Mas assim, na teoria, não me sinto idoso não. [...] Continuo dirigindo carro [...]. Nunca fiz cirurgia nenhuma, nunca fiquei doente. [...] Em vez de ter 85, estou com 58. Quase chegando à terceira idade.”

Outro Irmão explicita esta percepção: “Sim, sou idoso, mas não sou velho! [...] Idoso é quem atingiu uma certa idade, né? E velho é quem está enferrujado. Eu não tou enferrujado, não!” Ao situar diferentes reconhecimentos sobre a terceira idade, os Irmãos confirmam Beauvoir (1990), para quem a percepção da velhice é subjetiva e começa com a restrição na funcionalidade, que pode ser reconhecida pelo próprio idoso ou trazida à consciência por outra pessoa: “Os Irmãos diziam: ‘Não pode fazer esse trabalho mais, não! Deixa pra gente fazer!’”. Entre os Irmãos, a consciência de ser idoso é alimentada nas relações

⁴ Compreende-se como funcionalidade a capacidade de o indivíduo realizar sozinho tarefas cotidianas, como banhar-se, alimentar-se, andar...

intergeracionais: mesmo quando a intenção é de cuidado, o resultado de tentar “proteger” o Irmão idoso é reconhecido por este como um atestado de incapacidade. Moral Barrio (2009: 13-4) problematiza essa relação de piedade dos adultos e jovens no trato com os idosos, reconhecendo nela um matiz de compaixão, mas não de reconhecimento do sujeito: “nos ocupamos [dos idosos] por medo de faltar gravemente com os princípios de humanidade, mas não pelo valor que tem sua vida nem por fazer dela um objeto de nossa reflexão”.

Neri (2006b) referenda que perceber-se útil e capaz é fundamental para que o idoso tenha uma autopercepção positiva. Nesse sentido, as atitudes de condescendência têm efeito contrário sobre as crenças de autoeficácia, compreendidas como a confiança do sujeito na própria capacidade de executar determinadas ações. O sentido de autoeficácia cumpre a função de regular a manutenção e promoção da saúde, a funcionalidade e o bem-estar subjetivo dos idosos. A autora critica a influência negativa das instituições sociais sobre essas crenças, quando “se antecipam e criam barreiras à participação social das pessoas mais velhas, antes mesmo que eventuais incapacidades se instalem” (Neri, 2006b: 1268). Leers (2003) destaca que a comunidade religiosa e a rede de amigos e relações humanas têm papel importante para que o idoso se integre positivamente à velhice, seguindo o ritmo das mudanças individuais. O contrário também é verdade e desenha uma situação delicada, na vida religiosa consagrada: manter a postura de cuidado e afeto, sem abalar as crenças do Irmão idoso em sua própria capacidade de autocuidado e eficiência nas diversas tarefas que assume.

A dinâmica da formação institucional

Para se compreender o sujeito idoso de hoje, é necessário lançar um olhar sobre sua trajetória de vida. Partindo do paradigma *life-span*, é necessário considerar que a maioria dos Irmãos idosos ingressou na vida religiosa consagrada no final da infância e início da adolescência, e isso num tempo em que estas etapas da vida não eram tão claramente definidas como hoje. Daí, a necessidade de assinalar as diferenças na formação institucional recebida pelas gerações de Irmãos: aqueles na faixa dos 80 e 90 anos receberam uma formação mais rígida do que aqueles que estão na casa dos 60 e 70 anos, por duas razões. A primeira é que os Irmãos sessentões e setentões ingressaram nas casas de formação na adolescência, quando já haviam cursado as séries iniciais e traziam experiências de vida em

grupo nas escolas, na comunidade eclesial, com amigos e até mesmo com namoradas. Portanto, sua bagagem de formação incluía experiências inéditas para os Irmãos das gerações anteriores, cujas tarefas de socialização, formação e amadurecimento se deram no ambiente da vida religiosa consagrada.

A segunda razão diz respeito ao Concílio Vaticano II (1962-1965), que reuniu lideranças católicas de todo o mundo para efetivar o *aggiornamento*⁵ da Igreja Católica, trazendo-a para o contexto do século XX: valorização das culturas, liturgia realizada na língua nativa, reconhecimento dos leigos como parte da Igreja, diálogo com as ciências. As mudanças oficializadas pelo Concílio tiveram reflexos no estilo de formação dos religiosos, fomentando o diálogo entre a vida religiosa consagrada e o mundo contemporâneo, fundado na mediação das Ciências e não mais exclusivamente na teologia. Todo o papel da Igreja – e, por extensão, dos religiosos – é repensado e situado em um novo lugar: o mundo secular. Faz-se um movimento inverso: ao invés de tentar trazer o mundo para dentro da Igreja, como em períodos anteriores, entende-se que o lugar da Igreja é nas realidades do mundo.

Assim, os Irmãos que tiveram sua formação institucional no período pré-Vaticano II viviam no isolamento apontado por Goffman (2008), para quem há uma barreira entre a instituição e o mundo externo. Mesmo habitando no mesmo espaço, não havia convivência. Na época, as refeições aconteciam em silêncio absoluto, quebrado apenas pela voz do Irmão responsável pela leitura dos Salmos e de textos bíblicos, enquanto os demais comiam. A maioria dos Irmãos desta geração faz as refeições, hoje, em silêncio praticamente absoluto.

Esse silêncio também é percebido atualmente em outras áreas da vida dos Irmãos idosos. Alguns deles omitem informações a respeito de doenças, necessidades de assistência médica ou de reposição de medicamentos, por receio de “dar trabalho” ou de serem vistos como um peso para a instituição. Faleiros (2007), ao afirmar que as instituições controlam o indivíduo por meio da autoridade, disciplina e conhecimento, traz elementos para compreender essa atitude: para os Irmãos idosos, formados no e para o silêncio, expressar-se exige um esforço deliberado que muitos deles preferem não despendar. Ao longo da vida, foram educados para, segundo Dias (2005), serem submissos, calarem-se e introjetarem o modelo que lhes era apresentado; o efeito dessa formação, ainda hoje, é a tendência a obedecer cegamente à autoridade. Silêncio e obediência, portanto, são um binômio importante para desvelar estes sujeitos.

⁵ Geralmente se traduz a expressão *aggiornamento* como “atualização”, na falta de expressão melhor em português; a tradução literal seria “trazer para os dias de hoje”.

Para compreender melhor, cabia ao Superior Provincial, responsável pela gestão de todos os Colégios Maristas e comunidades religiosas, as deliberações sobre todos os campos da vida dos Irmãos: comunidade onde morar, função a exercer e definição do curso universitário; as escolhas não se baseavam nas aptidões e vocações profissionais dos Irmãos, mas nas necessidades de professores e gestores dos Colégios da Província. Na pesquisa, todos os Irmãos acima dos 70 anos vinculavam seu papel como religiosos à prática docente. A grande maioria, mesmo afastada do espaço escolar, mantém hábitos regulares de leitura e escrita, o que favorece a preservação das funções intelectuais.

Os Irmãos da geração de 60 anos, que já tiveram formação institucional no espírito do Concílio Vaticano II, viveram uma dinâmica diferente, que permanece entre os Irmãos adultos e jovens de hoje: a escolha da formação universitária, funções na instituição e mesmo a comunidade onde morar se dá em diálogo com o Provincial. Para a maioria dos Irmãos da geração acima de 80 anos, no entanto, não se questiona nenhuma deliberação feita por instâncias superiores. E, ao contrário das gerações mais novas, a autoridade e a obediência são vistas de forma positiva e a postura dialógica, ao contrário, é lida como limitação.

Morano (2007: 59) considera a obediência como uma das exigências da vida religiosa consagrada contemporânea: “em nível psíquico, o voto de obediência é um terreno fértil para o amadurecimento da pessoa”, porque leva a “uma autêntica relação de liberdade em relação à autoridade”. Para a geração acima dos 80 anos, percebe-se que a obediência se imbrica, em níveis diversos, com outro traço da formação religiosa: a mortificação. Como o martírio pessoal era um dos caminhos para se chegar a Deus, herança da tradição ascética, o Irmão era estimulado a silenciar a respeito de situações relativas à saúde ou que envolvessem as chamadas partes pudendas⁶. Alguns Irmãos explicitam a relação desarmônica desenvolvida em relação ao próprio corpo e à mortificação, de forma menos extrema, como parte das práticas de espiritualidade, como deixar de comer alimentos apreciados ou, ao contrário, “comer alguma coisa de que eu não gosto”. Nesse contexto, não é de se estranhar que os Irmãos silenciem sobre situações que chamem a atenção para si ou que demandem trabalho e responsabilidades de outras pessoas para resolvê-las: é consequência de terem introjetado práticas de mortificação como um exercício de aperfeiçoamento pessoal e espiritual.

Os Irmãos na faixa dos 70 anos já tiveram outras influências. Ainda que o estilo de formação continuasse o mesmo, tiveram outras oportunidades quando passaram a morar em

⁶ Interessante destacar que “pudendo” se refere a pudor; etimologicamente, as partes pudendas são “aquelas de que devemos nos envergonhar”.

comunidades apostólicas, já no espírito pós-conciliar, e com influências também dos períodos passados no exterior, com uma efervescência social e cultural que, no Brasil, era combatida pela ditadura militar. As experiências fora do país favoreciam ao Irmão o contato com outras culturas e com as mudanças que foram oficializadas pelo Vaticano II; voltando para o Brasil, a tendência era trazer estes valores de renovação para a dinâmica institucional. Também por essa razão, o estilo da formação dependia do estilo de quem estivesse responsável por ela. Em meio à rigidez da formação anterior, os Irmãos desta geração enxergavam outro estilo formativo, que abria espaço para a idiossincrasia e, portanto, possibilitava sínteses pessoais, que podiam ser diversas da obrigatoria padronização anterior.

Esses vislumbres de mudança e de valorização dos sujeitos, no período de formação dos Irmãos, são mais perceptíveis na geração seguinte, hoje na faixa dos 60 anos. Boa parte dos formadores destes Irmãos estudou em Roma e trouxe para a formação institucional as ideias do Concílio Vaticano II, incluindo a importância das ciências e da presença dos religiosos nos espaços sociais. Importante destacar que as mudanças não foram bem recebidas por todos, o que é confirmado pelo número de religiosos que abandonou a vida religiosa consagrada no período imediatamente posterior ao Concílio. Segundo Pereira (2005: 61-62), o Concílio, ao romper com a tendência uniformizante até então vigente na vida religiosa consagrada, permitiu aos sujeitos questionar, interpretar e transformar “o lugar imaginário, simbólico e físico, o espaço da hierarquia e dos subordinados, a produção dos equipamentos de produção da subjetividade, a relação entre o instituído e o instituinte” dentro da vida religiosa consagrada. Os que ficaram se identificavam com a nova visão – ou não conseguiam vislumbrar outra opção de vida.

De qualquer forma, as mudanças não foram aceitas de maneira uniforme. Contraditoriamente, mesmo aqueles formados para se tornarem a instituição reconheciam o direito de não mais se adequarem à nova dinâmica. O ambiente institucional religioso passou a ser reconhecido como espaço intergeracional e multicultural, no qual convivem Irmãos de várias gerações e com formações diferenciadas. Para as gerações anteriores, o indivíduo “não podia destoar do grupo. Nunca. Sempre juntos, sempre em grupo.”, porque “bonito e certinho era ver todos agirem da mesma maneira, bonzinhos, submissos; na escola, todos de braços cruzados, em cima da carteira, ouvindo o showzinho do professor!” O *aggiornamento* do Concílio, ao contrário, abriu espaço para que o Irmão religioso se tornasse também sujeito na perspectiva contemporânea, processo que causou estranhamento aos Irmãos da formação pré-conciliar e foi bem acolhido pelas novas gerações de religiosos. Em meio a essas

contradições, foram construídas as subjetividades ora investigadas – que, mesmo frente à tendência de formação institucional padronizante, construíram sujeitos diversos.

Um cuidado importante, ao investigar a vida religiosa consagrada nesse período, é não cair na tentação de fazer juízo de valor sobre esse tempo a partir de referenciais do século XXI. A formação recebida pelos Irmãos não destoava do rigor característico da educação dada pelas famílias, inclusive no que se refere às decisões sobre estudos, casamento, profissão... A emergência dos sujeitos, bem como o imperativo de seu reconhecimento, se tornou um traço da sociedade ocidental após os anos 1960. O que interessa, nesta investigação, não é procurar culpados por um estilo de formação que, na perspectiva de hoje, era desumanizante; importa é identificar os elementos específicos da formação na vida religiosa consagrada dessa época e seus efeitos sobre a subjetividade dos Irmãos que hoje estão vivenciando a velhice.

A afetividade dos Irmãos idosos

Obviamente, o estilo de formação baseado na supressão do indivíduo em favor do coletivo institucional trouxe consequências para a forma como os Irmãos vivenciam hoje a sua afetividade. Para aprofundar esse tema, toma-se por ponto de partida o conceito de afetividade construído por Arcuri (2006: 294): é uma “estrutura elementar presente desde o nascimento do indivíduo, que preside o pensamento e a ação, o intelecto e a vontade”. Se a afetividade perpassa as operações mentais e volitivas, a forma como a dinâmica institucional lidava com os afetos provavelmente incidiu sobre toda a estrutura psíquica do sujeito.

Uma consideração inicial é que os Irmãos atualmente na faixa etária acima de 80 anos ingressaram quase crianças na instituição e, “na idade de namorar, eu já era irmão!”. Depois, também se tornaram adultos num espaço exclusivamente masculino, no qual o contato com o feminino era possível “no catecismo e [no convívio com] uma ou outra funcionária do colégio”. E, finalmente, todos os Irmãos fizeram voto de celibato, que confirma a opção por não estabelecer relações matrimoniais. Dito isso, cabe destacar que, especialmente no campo da afetividade, não há regras estabelecidas: a síntese elaborada pelos sujeitos tem caráter idiossincrático, em medida menos sujeita a normatizações do que outras questões pertinentes ao envelhecimento.

Daí, algumas pontuações. Primeiro, que o contato do adolescente/jovem com a família tendia a ser interrompido, pois, após o ingresso na congregação, o formando passava no mínimo três anos sem contato presencial com nenhum parente e os contatos por carta eram controlados pelo Irmão Superior. Para os Irmãos estrangeiros, devido ao custo e duração da viagem, o intervalo de tempo sem contato com a família era bem maior.

As “amizades particulares” não eram bem vistas. Os Irmãos eram educados para não cultivar preferências por uma ou outra pessoa, o que incluía os colegas de formação e se estendia, mais tarde, aos alunos: o professor não podia manifestar afeto específico por um ou outro. Um dos preceitos fundacionais maristas, originário do século XIX, afirma que, “para bem educar as crianças, é preciso amá-las e amá-las todas igualmente” (Furet, 1999: 501). Como princípio pedagógico, alude ao tratamento igualitário dispensado aos estudantes; do ponto de vista da afetividade, é uma contradição: amar a todos equivalia a não se vincular especificamente a ninguém.

Havia, ainda, nas casas de formação, uma hierarquia de relacionamento que não podia ser quebrada: mesmo quando eram quatro grupos na mesma casa – juvenistas, junioristas, noviços e escolásticos –, eles não se encontravam, porque era proibido a um formando falar com alguém de outra etapa da formação – ainda que fosse parente. Assim, a afetividade era sinônimo de amor ágape⁷, o que traz influências sobre os religiosos idosos: embora compreendam o afeto, hoje, como inerente ao ser humano, há diferenças significativas na forma como as gerações lidam com as questões afetivas. Nenhum dos Irmãos se esquivou do assunto, nas entrevistas; alguns, porém, demonstravam desconforto em falar sobre isso.

Nesse sentido, é pertinente fazer inferência com Freud (1997), que descreveu o mecanismo de sublimação, no qual o direcionamento da pulsão libidinal se volta para outros envoltimentos que não a satisfação do desejo na relação sexual. Dias (2005: 198) lembra que a arte, “por ser um expoente estético e de aceitação universal, é considerada a grande via sublimatória, mas há também outros arranjos sublimatórios: dançar, cantar, tocar, cozinhar, costurar, bordar, ler etc.”. Morano (2007) retoma o conceito de Freud para distinguir repressão sexual e sublimação. Embora sejam mecanismos semelhantes, há uma sutil diferença: a repressão retém a energia psíquica e esta passa a ser considerada pelo Eu como uma ameaça da qual tem que se defender; a sublimação, ao contrário, é benéfica para o sujeito, porque lhe possibilita canalizar a energia psíquica, a libido e a afetividade para uma via de desenvolvimento, como o saber, o trabalho, a arte e a espiritualidade. A maior ou

⁷ O amor gratuito, transpessoal, como o amor de Deus pela humanidade.

menor facilidade para mudar o objeto do desejo depende da constituição do sujeito e da dinâmica em que foi constituindo sua subjetividade. Assim, “não sublima quem quer, mas quem pode” (Morano, 2007: 33). Para o autor, a parte da sexualidade que não pode ser transformada pela sublimação apresenta um único caminho para os religiosos: a renúncia consciente a realizar esses desejos de forma erótica ou genital. É o que espera a vida religiosa consagrada, uma vez que o celibato é, ainda hoje, exigência inegociável.

Assim, os Irmãos afirmaram suprir sua necessidade de afeto a partir, em ordem de importância, da oração, da vida comunitária, do cultivo da espiritualidade, das amizades com outras pessoas, das artes e do contato com os familiares, especialmente irmãos e sobrinhos, por meio de telefonemas, *e-mails* e troca de correspondência escrita. Dadas as pontuações anteriores, não deixa de ser surpreendente a referência às amizades e aos vínculos familiares.

A geração dos 60 e 70 anos manifesta posturas diferentes, em relação à afetividade, talvez porque o estímulo à sublimação tenha sido menos acentuado. Assim, a convivência na comunidade eclesial alimenta a afetividade do religioso porque confere valorização ao idoso, fortalecimento da autoestima, sentido de continuidade da missão apostólica e criação de vínculos pessoais. Essa é a geração dos Irmãos que trabalharam em colégios mistos⁸ e no tempo em que a exclusividade de Irmãos professores tinha ficado para trás; a convivência cotidiana, portanto, se estendia a estudantes de ambos os sexos, professores leigos, mulheres em várias funções e pessoas das comunidades eclesiais. A rigidez e a austeridade já não eram o ponto central da vida consagrada, o elemento feminino deixava de ser estranho à vida dos Irmãos e a afetividade era tida como algo natural nas relações institucionais e pessoais.

Fazendo uma leitura intergeracional, percebe-se que a dimensão relacional, para as gerações mais idosas, tende a ser menos desenvolvida. A tendência é de recolhimento, voltando-se mais para a interioridade do que para a interação social. Às limitações do espaço institucional, que pouco favorecia o cultivo das relações, se somavam traços de personalidade introspectiva, que eram acentuados pela formação rígida. Quando já havia predisposição ao fechamento, portanto, a formação acentuou a dificuldade de interação e de abertura às relações interpessoais, o que resulta na tendência atual de buscar nutrir os afetos por meios que favoreçam a interioridade, e não a convivência.

As questões propriamente afetivo-sexuais não serão aprofundadas aqui; vale destacar que foram mencionadas com mais reticência entre as gerações mais idosas e de forma mais

⁸ Até os anos 1970, os colégios maristas eram exclusivamente para estudantes do sexo masculino. Somente nessa década as meninas passaram a ser admitidas.

natural com os Irmãos na faixa de 60 anos, mesmo porque o grande avanço das ciências em relação a esses estudos remete aos anos 1950. Em geral, os formadores demonstravam dificuldades de lidar com a sexualidade dos jovens, por falta de formação específica ou pelo pudor que se esperava de um religioso, e o único espaço que se poderia conceber como orientação sexual era a confissão com o padre – que resultava nas penitências cabíveis à época. Se era rígido o controle sobre outras dimensões da vida, que dirá sobre a sexualidade! O silêncio sobre as questões sexuais predominava, mesmo que os jovens formandos sentissem necessidade de compreender e discutir as novidades que seus corpos estavam vivendo, e o contato com o feminino praticamente inexistia.

Entretanto, quem fez a opção pela vida celibatária, no período pós-conciliar, teve mais acesso à formação específica sobre sexualidade, além de dispor de acompanhamento psicológico, quando necessário, e de espaços para dialogar sobre questões existenciais – afetividade e sexualidade inclusas. Lidar com as questões afetivo-sexuais entre os irmãos idosos, portanto, implica considerar diversos fatores: as diferenças de formação entre as gerações; as experiências acumuladas pelos sujeitos nos diversos ambientes; o ambiente comunitário, que pode facilitar ou complicar o diálogo construtivo a respeito das vivências individuais; e as sínteses feitas por cada indivíduo, que se sentirá mais ou menos à vontade para colocar em pauta essas questões. Esses fatores terão influência no sujeito constituído na vida religiosa consagrada.

Aspectos cognitivos do sujeito religioso idoso

As capacidades cognitivas são bem preservadas entre os idosos pesquisados, mesmo porque as dificuldades de expressão verbal era um dos critérios de exclusão, o que impossibilitou a interação com Irmãos com funcionalidade afetada. Não houve dificuldade de responder às perguntas nas entrevistas, ainda que alguns divagassem a respeito do tema ou fizessem inferências e associações de forma bastante peculiar. Mesmo assim, nenhum apresentou dificuldade de compreensão das perguntas ou estabelecimento de conexões com o tema em questão. Dos Irmãos, somente um não preencheu os dados do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido, argumentando que estava sem os óculos, mas o assinou; os outros todos o preencheram à mão, inclusive lembrando seus endereços.

Yassuda (2006) identifica que, nos idosos, a memória semântica, relacionada à capacidade de registrar informações linguísticas, se mantém estável durante o

envelhecimento, enquanto a memória episódica, ligada a informações sobre eventos recentes, costuma falhar. Entre os Irmãos, são facilmente lembrados datas, nomes de colegas do período de formação, professores, alunos, detalhes de eventos e fatos, citações de autores, episódios significativos... A construção das frases e o encadeamento de dados são fluentes. Todos mencionaram a data exata em que ingressaram na congregação, mesmo tendo ocorrido, para alguns deles, há mais de 80 anos. O esquecimento é mais frequente quando os Irmãos são indagados a respeito de episódios ocorridos há pouco tempo, livros lidos recentemente, nomes de pessoas que trabalham nas casas ou mesmo de pessoas com as quais convivem no dia a dia.

Discorrendo a respeito de cognição e disfunções cerebrais entre idosos, Guimarães & Camargos (2006) utiliza a expressão “reserva cognitiva” para afirmar a importância de variáveis como educação, ocupação e capacidade de leitura para evitar o declínio da funcionalidade cognitiva. A reserva cognitiva é potencializada pela inteligência cristalizada. Na investigação com os Irmãos idosos, essa premissa é confirmada: as capacidades cognitivas relacionadas a aspectos biofisiológicos são afetadas, enquanto aquelas desenvolvidas por meio do acesso à educação e aos bens culturais se mantêm preservadas. Como a reserva cognitiva é maior, o declínio das operações mentais tende a se dar em ritmo mais lento. É provável que idosos que não adquiriram bagagem cultural semelhante apresentem maior limitação nesse tipo de habilidade cognitiva. Como a educação sempre fez parte do mundo desses idosos, é coerente que suas funções se mantenham acima da média e influenciem a subjetividade dos religiosos idosos⁹.

O sujeito idoso e o poder na instituição religiosa

Uma dimensão da subjetividade diz respeito ao papel social desempenhado pelo indivíduo. A instituição religiosa, organizada hierarquicamente, vincula poder e sentido religioso, ambos fundamentados na obediência à autoridade instituída. Embora a instituição religiosa contemporânea se organize em torno de regras e posturas mais flexíveis do que em outra época, as funções desempenhadas pelos sujeitos no ambiente institucional continuam sendo definidas pelas instâncias superiores – e a obediência ao poder instituído permanece um fundamento institucional. Portanto, poder e papel social são fatores importantes para a constituição da subjetividade; daí porque boa parte dos Irmãos idosos percebe sua condição

⁹ O chamado *NunStudy*, desenvolvido desde os anos 1960, é uma referência para compreender aspectos cognitivos dos religiosos idosos.

de sujeitos da terceira idade quando deixa de ocupar espaços institucionais tidos como importantes.

Se a autocompreensão do sujeito se imbricava à sua função institucional, a ausência desta “estrutura retroativamente [a percepção do sujeito] em imagens de fragmentação” (Messy, 1999: 36-7), visto que ele passa a ser conhecido por uma referência do passado: *ex-diretor*, *ex-coordenador*, *ex-formador*... Os Irmãos pesquisados mencionam companheiros de vida religiosa que entram em crise a respeito do seu lugar na instituição quando deixam de ocupar os espaços de poder; outros mencionam o efeito destes espaços sobre as relações interpessoais: quem se prende a funções institucionais e se deixa envolver pelo solipsismo do poder tende a estender a solidão do cargo para as outras áreas da vida, no tempo presente e posterior. Daí o alerta de Morano (2007: 54) a respeito da necessidade de considerar, analisar e cuidar do “jogo de relações que se cria em cada comunidade [religiosa], de um modo sempre único e singular”, que pode se traduzir em uma patologia coletiva em que a pessoa é substituída pela autoridade.

A alternativa a isso, segundo os Irmãos pesquisados, é o poder-serviço, aquele que, na concepção religiosa, foge à tentação de obter prestígio e benefícios pessoais e é utilizado com a finalidade de gerar o bem para as pessoas e para a instituição. Entretanto, reconhecem que o poder, mesmo numa instituição religiosa, é sempre arbitrário; uma vez que a dinâmica institucional é organizada de forma hierárquica, os riscos de isolamento e solidão são maiores para quem se deixa seduzir pela estrutura institucional ou se identifica tanto com ela que deixa de cultivar outras dimensões vitais.

As subjetividades idosas constituídas idoso na instituição religiosa

González Rey (2005: 126) compreende a subjetividade como um sistema complexo cujas “diferentes formas de expressão no sujeito e nos diferentes espaços sociais são sempre portadoras de sentidos subjetivos gerais do sistema que estão além do evento vivido”. Isso explica porque, mesmo no ambiente institucional, são várias as subjetividades construídas: embora os sentidos sejam dados pelo sistema, as sínteses são idiossincráticas. Mesmo no que se refere à estrutura da instituição, diferentes sentidos são atribuídos pelos sujeitos aos processos de subjetivação e de envelhecimento – e isso é explicitado pelo recorte intergeracional, que possibilita perceber quais aspectos da dinâmica institucional são mais acentuados por cada geração.

Um primeiro é a relação sujeito e instituição. Em geral, os Irmãos idosos foram estimulados a se *con-formar* à instituição, tomar sua forma – e os que demonstravam dificuldade para fazer isso procuravam outros caminhos fora da vida religiosa consagrada. As proibições configuravam o estilo de vida assumido pela instituição e esperado do indivíduo. Outro aspecto importante é o imperativo da obediência, que se estendia a todas as áreas da vida do Irmão, incluindo tempos e lugares de exercício da missão: a decisão de permanecer num mesmo lugar ou mudar-se não cabia ao Irmão, mas ao Provincial. Embora haja exceções, a regra era transferir o Irmão após algum tempo, sob a justificativa de cultivo intencional do desapego: o Irmão não podia criar laços com o lugar nem com as pessoas. Para alguns Irmãos, isso não era problema. Entretanto, a intencionalidade de não criar laços, junto à consciência de ser uma presença transitória naquele ambiente, é chave de leitura para a subjetividade dos idosos, inclusive no que se refere à ruptura da normativa: vários deles alimentam sua necessidade de afeto com referências dos lugares onde moraram e demonstram explicitamente a saudade de pessoas, funções e espaços apostólicos. Eles conseguiram transgredir a regra.

Além da obediência, a rigidez dos horários marcava a rotina dos Irmãos. A regularidade de horários para aula, missa, convivência comunitária, refeições, oração, reuniões e outras atividades perpassou toda a trajetória de vida dos Irmãos idosos. Para as gerações mais jovens, a flexibilidade substituiu a rigidez dos horários e atividades; para os mais idosos, no entanto, soam desconfortáveis o imprevisto e mudanças repentinas que fogem ao esquema pré-estabelecido. A rotina previsível, já dizia Goffman (2008), é característica das instituições totais. Assim, obediência, regularidade e resistência a mudanças se encadeiam. Para vários idosos, não apenas os religiosos, a regularidade da rotina é fonte de segurança; a

imutabilidade das atividades do dia a dia é bem aceita porque não demanda esforço para lidar com imprevistos.

O sentimento de pertença institucional, em que o indivíduo se reconhece parte do grupo e introjeta a cultura grupal como parte de sua identidade, é outro aspecto importante para desvelar a subjetividade dos Irmãos idosos. A anulação do individual, em detrimento do coletivo institucional, se manifestava na proibição de ações que, na concepção da época, destacava o indivíduo do grupo: “Antigamente, era proibido você escrever alguma coisa e assinar seu nome. Era proibido, o seu nome não podia aparecer de jeito nenhum, principalmente o nome oficial [civil]”¹⁰. Quer dizer, o sujeito, incluindo seu trabalho e produção intelectual, devia se amalgamar com a instituição, pois, se indivíduo e ambiente institucional se constituíam uma unidade, não havia ali espaço para ser sujeito.

Talvez devido a essas questões, há que se apontar um último elemento para compreender os sujeitos da geração acima dos 80 anos: a valorização atual das próprias raízes. Para os Irmãos dessa faixa etária – assim como os idosos coetâneos –, costumam ser muito importantes as reminiscências do passado mais remoto: histórias da família, acontecimentos da infância, episódios interessantes do período de formação, travessuras com as quais driblavam a ordem estabelecida, fatos ocorridos com pessoas afetivamente significativas e lugares que não fazem parte da vida atual do Irmão. Beauvoir (1990: 463) arrisca uma explicação para isso: “Se as lembranças afetivas que despertam a infância são tão preciosas, é porque, durante um breve instante, elas nos põem de novo de posse de um futuro sem limites”; na velhice, assim como na infância, “amanhã não passa de uma palavra vazia; meu quinhão é a eternidade”. Entre os estrangeiros, se acentua ainda mais a tendência de lembrar a terra natal e os familiares, além do apreço por material produzido na língua materna, referências ao país de origem e manifestações culturais. Todos esses hábitos têm a ver, certamente, com o sentido de identidade pessoal, reconhecimento da trajetória de vida e integridade subjetiva, como Neri (2006b) lembra e Beauvoir (1990: 455) confirma: “na verdade, é o passado que nos sustenta. É através do que ele fez de nós que o conhecemos.”

As gerações mais jovens de idosos trazem outros elementos, inclusive um sentido distinto para a relação de pertença institucional, mesmo porque os sujeitos, reconhecendo-se concomitantemente indivíduos e instituição, manifestam uma identificação positiva com ela. São sujeitos que tiveram uma formação fechada e, na mesma instituição, foram estimulados a

¹⁰ Os Irmãos que fizeram votos perpétuos antes do Concílio Vaticano II tiveram seus nomes de batismo mudados para um nome religioso, como era costume na época. O novo nome era escolhido pelo Provincial. A maioria retomou o nome civil após o Concílio.

rever os limites e construir um itinerário diferente, extensivo à formação das gerações posteriores. O sentido da vida religiosa consagrada, para estes Irmãos, foi construído em uma perspectiva diferente, menos repressora do sujeito e mais libertadora dos afetos e da realização pessoal. Assim, os espaços de presença dos Irmãos se tornaram mais amplos do que os muros da instituição – e isso contribuiu para a constituição de uma subjetividade mais aberta.

Em termos de constituição das subjetividades, percebe-se que a instituição preservou mais essa geração de sujeitos, mesmo porque, no período de formação desses Irmãos – décadas de 1960-1970, época da efervescência cultural e mudança de paradigmas –, seria pouco provável que o fechamento e autoritarismo anteriores fossem bem recebidos pelos formandos. Vale destacar que estes ingressaram na instituição com mais idade do que as gerações anteriores e trouxeram para essa mesma instituição uma bagagem de formação diferente. Devido a essas características, os idosos da primeira geração conseguem se reconhecer tanto como religiosos quanto como indivíduos com trajetórias plurais.

Concluindo

A compreensão dos sujeitos idosos constituídos na vida religiosa consagrada se vincula à consideração das semelhanças e especificidades em relação a outros grupos de idosos; tanto aspectos comuns quanto específicos são mediados pela particularidade da pertença institucional, à qual se imbricam a trajetória de vida e o atual contexto pessoal e institucional. Portanto, desvelar os sujeitos implica considerar não apenas as informações objetivas, mas também as expressões subjetivas e simbólicas que, manifestadas verbalmente e por outros meios, possibilitam compreender a percepção dos Irmãos idosos a respeito de si e de sua vinculação à instituição religiosa.

A vida religiosa consagrada, contrariando quem espera uma uniformidade de sujeitos, devido à própria dinâmica do espaço institucional, favoreceu a construção de subjetividades idosas distintas e que convivem no mesmo espaço institucional, mas atribuindo a ele diferentes significados. A síntese a respeito da trajetória do indivíduo na vida religiosa consagrada comporta distintas autopercepções e sentimentos: felicidade, realização, ressentimento, vazio... Os próprios Irmãos idosos percebem as diferenças que permearam suas trajetórias de vida e os constituíram sujeitos diversos; em certo sentido, são alteridades

convivendo no mesmo espaço institucional. Desvelar as subjetividades é, também, reconhecer sujeitos que, de forma intencional ou circunstancial, interagem entre si e com os ambientes da instituição religiosa, com resultados harmônicos e outros nem tanto.

Finalmente, a síntese sobre a velhice feita pelo Irmão é idiossincrática. Logo, a compreensão do sujeito idoso construído na instituição religiosa demanda conhecer o itinerário individual – raízes familiares, período de formação como religioso, experiências de vida proporcionadas pela opção de pertença institucional, espaços nos quais foi assumida a missão de religioso e funções desempenhadas ao longo da vida – e também o próprio indivíduo, no tocante à sua personalidade, visão de mundo, afetividade, sexualidade, concepção de Deus e práticas de fé. Para o Irmão idoso, que vivenciou as diferentes fases da vida sob a mediação da pertença à instituição religiosa, estes elementos são constitutivos da identidade pessoal e institucional – e assim devem ser considerados.

Referências

- Arcuri, I.G. (2006). A afetividade na velhice. *In: Côrte, B.; Mercadante, E.F.; Arcuri, I.G. Masculin(idade) e velhices: entre um bom e mau envelhecer: 293-5. São Paulo: Vetor.*
- Beauvoir, S. (1990). *A velhice. (5ª reimp.). Rio de Janeiro: Nova Fronteira.*
- Dias, M.S. (2005). Idosos na vida religiosa consagrada. *In: Pereira, W.C.C. (Org.). Análise institucional na vida religiosa consagrada: 189-204. Belo Horizonte: Publicações CRB.*
- Faleiros, V.P. (2007). *Saber profissional e poder institucional. (7ª ed.). São Paulo: Cortez.*
- Freud, S. (1997). *O mal-estar na civilização. Rio de Janeiro: Imago.*
- Furet, J.B. (1999). *Vida de São Marcelino José Bento Champagnat. São Paulo: Loyola: SIMAR.*
- Goffman, E. (2008). *Manicômios, prisões e conventos. (8ª ed.). São Paulo: Perspectiva.*
- González Rey, F. (2005). *Pesquisa qualitativa e subjetividade. Os processos de construção da informação. São Paulo: Pioneira Thomson Learning.*
- Guimarães, R.M. & Camargos, E.F. (2006). Terapias antienvelhecimento. *In: Freitas, E.V.; Py, L.; Cançado, F.A.X; Doll, J. & Gorzoni, M.L. (Orgs.). Tratado de Gerontologia e Geriatria: 1904-10. (2ª ed.). Rio de Janeiro: Guanabara Koogans.*
- Leers, B. (2003). Envelhecer, uma arte de bem-viver. *Convergência. Revista mensal da Conferência dos Religiosos do Brasil, 364: 364-76. CRB. XXXVIII. Brasília (DF).*
- Messy, J. (1999). *A pessoa idosa não existe. Uma abordagem psicanalítica da velhice. 2ª ed. São Paulo: Aleph.*

- Moral Barrio, J.J. (2009). *Atardecer con esperanza*. Una invitación a vivir la edad madura con alegría, dedicación y entrega. Buenos Aires: Gram.
- Morano, C.D. (2007). *Afetividade, espiritualidade e mística*. Rio de Janeiro: CRB.
- Neri, AL. (2006a). Crenças de autoeficácia e envelhecimento bem-sucedido. In: Freitas, E.V.; Py, L.; Cançado, F.A.X; Doll, J. & Gorzoni, M.L. (Orgs.). *Tratado de Gerontologia e Geriatria*: 1267-76. (2ª ed.). Rio de Janeiro: Guanabara Koogans.
- Neri, A.L. (2006b). Teorias psicológicas do envelhecimento: percurso histórico e teorias atuais. In: Freitas, E.V.; Py, L.; Cançado, F.A.X; Doll, J. & Gorzoni, M.L. (Orgs.). *Tratado de Gerontologia e Geriatria*: 58-77. (2ª ed.). Rio de Janeiro: Guanabara Koogans.
- Pacheco, J.L. & Carlos, S.A. (2006). Relações do homem com o trabalho e processo de aposentadoria. In: Freitas, E.V.; Py, L.; Cançado, F.A.X; Doll, J. & Gorzoni, M.L. (Orgs.). *Tratado de Gerontologia e Geriatria*: 1388-93. (2ª ed.). Rio de Janeiro: Guanabara Koogans.
- Pereira, W.C.C. (Org.). (2005). *Análise institucional na vida religiosa consagrada*. Belo Horizonte: Publicações CRB.
- Yassuda, M.S. (2006). Memória e envelhecimento saudável. In: Freitas, E.V.; Py, L.; Cançado, F.A.X; Doll, J. & Gorzoni, M.L. (Orgs.). *Tratado de Gerontologia e Geriatria*: 1245-51. (2ª ed.). Rio de Janeiro: Guanabara Koogans.

Recebido em 25/12/2011

Aceito em 28/01/2012

Eder D'Artagnan Ferreira Guimarães - Mestre em Gerontologia pela Universidade Católica de Brasília. Coordenador do Laicato na Província Marista Brasil Centro-Norte.

E-mail: eder@marista.edu.br

Vicente Paulo Alves - Doutor em Ciências da Religião pela Universidade Metodista de São Paulo (2003). Professor titular da Universidade Católica de Brasília, no Programa de Pós-Graduação em Gerontologia (Mestrado).

E-mail: tutorvicente@ucb.br